

. O Boletim nº 4, último deste ano e programado para novembro/1992, terá como tema central: "A Violência do Poder. O Poder da Violência.- Macbeth ". Trata-se de um projeto que visa discutir este tema tão atual, entre psicanalistas e literatos, ao nível de palestra - debate e textos no Boletim. Se estiver interessado em participar deste projeto-debate, envie seu trabalho, ou entre em contato com a comissão.

ATIVIDADES:

. Dando continuidade às atividades do 1º semestre de 1992, temos mais duas reuniões no mês de junho.

Na reunião clínica, a presença do Dr. Gilberto Safra, docente da USP e da PUC, apresentando o trabalho "Momentos mutativos no decorrer do processo psicanalítico - uma perspectiva Winnicottiana.

E na reunião teórica, a colega, psicanalista e escritora Eliane M.A. Fonseca, apresentando o tema: "A palavra in-sensata: o estranhamento e as formas do conhecimento afetivo".

Para viabilizar a continuidade das atividades, pedimos a colaboração de CR\$ 6.000,00 para cada encontro.)

. GRUPOS DE ESTUDO:

1. Suzana Alves Viana dirige o grupo de estudos sobre contratransferência, tendo como fio condutor sua tese de doutoramento:

"Da contratransferência à contra-transferência: reflexões à partir da clínica". O grupo já está em andamento, tendo como duração prevista 4 meses de estudos, com frequência quinzenal. Contatos com Suzana - Tel. 829.8761/820.5586.

2. Durval Mazzei Nogueira Filho organiza grupo de estudos sobre o tema " O Freud de Lacan", baseado no trabalho apresentado dia 18.05.92, no Sedes. O Grupo deverá ter início em agosto/92, e os interessados deverão entrar em contato diretamente com ele, pelo telefone: 62.5716.

3. Marília de Freitas Pereira e Clélia Guimarães Maia iniciarão um grupo de estudos a respeito de " **Psicoterapia Familiar na abordagem Sistêmica**", em seus aspectos teóricos e clínicos.

O grupo terá início em agosto, com frequência quinzenal, às terças-feiras (2ª e 4ª terça-feira de cada mês), no Sedes.

As pessoas interessadas devem telefonar para Marília tel: 813.5069 ou Clélia Tel: 572.0889.

4. Comunicamos que em Agosto se dará a primeira reunião do grupo de trabalho a ser constituído sobre o tema: "Fundamentos de Linguagem no Ato da Interpretação e Na Praxis Analítica" coordenado pelo psicanalista José Roberto Olmos, pós-graduando em Filosofia na USP na área de psicanálise.

O projeto de trabalho visa, através de aulas expositivas e abertura de discussões, cotejar referências fundamentais em FREUD, KLEIN, LACAN E ROSOLATTO com instrumental da Semiótica e Linguística analisados nas produções recentes de Umberto Eco. (Frequência quinzenal, duração 4 meses).

Contato para informações diretamente com José Roberto Tel: 255.1974.

LEITURAS:

TEMA: ÓIA PRÁ VÊ!!!

Este texto, que lhes apresento, é um texto que discute um pequeno trecho do pensamento de Lacan: o tema do olhar.

É um texto que faz um recorte muito específico, de um campo muito específico. Para aqueles que puderem se interessar onde me apoio bibliograficamente para discutir " o olhar" em Lacan, sugiro a leitura do Seminário 11, capítulos VI, VII, VIII e IX, Zahar Editores, 1979.

É bom que se saiba também, que a inspiração que me serviu de guia nesta leitura é uma inspiração totalmente kleiniana. No entanto, ela (Klein) que é confundida com a teorização psicanalítica que

fala da "presença" e não da "falta", está totalmente esmaecida, dissimulada: está presente como condição feminina; está, mas não se afirma, está, mas não se encontra. Já pude dizer um dia: "A morte é o feminino da pulsão".

Devo ainda dizer que me foi muito divertido escrever este pequenino ensaio, mas não creio que seja divertida sua leitura para aqueles que não tiverem um certo contato, principalmente com os textos de Jacques Lacan.

Para servir como roteiro prévio de leitura, antecipo, que este trabalho tem três eixos: a) o eixo do desejo e da língua-linguagem, que é o eixo lacaniano; b) o do cógito, que repudia o sensível e transforma a consciência em uma álgebra, este é o cartesiano, e, por fim c) o eixo do corpo, não como o real puro, pelo contrário, o corpo como sensível, sensual, sensorial, o corpo da embriaguez alucinatória mediadora mundana entre o estático do real e a pureza angelical e higiênica do simbólico; este é o kleiniano, aquele que não está presente, mas 'taí'.

Em um texto de Adauto Novaes⁽¹⁾ encontra-se uma linda citação de um trecho do texto-poema "L'oeil vivant", de Jean Starobinski: "Se as paixões se excitam no olhar e crescem pelo ato de ver, não sabem como se satisfazer; o ver abre todo o espaço do desejo, mas ver não basta ao desejo. O espaço visível atesta ao mesmo tempo minha potência de descobrir e minha impotência de realizar. Sabemos o quanto pode ser triste o olhar desejante".

Creio que esta citação coloca de forma muito precisa e simultânea a íntima relação entre olhar e desejo, e coloca também uma clara relação entre a melancolia e a tomada de consciência. O desejo se debruça sobre o apetitoso e "ingênuo" campo da memória que o objeto ausente engendra; a lembrança, a recordação alucinatória procura uma identidade de percepção com a experiência de satisfação, porém, e exatamente por isso, "não sabe como se satisfazer" e, sendo assim, "ver não basta ao desejo. Talvez nada lhe baste e nem

possa. Mais uma vez, com Adauto Novaes no mesmo texto, nos perguntamos: "Por que, muitas vezes, o objeto do desejo confunde-se com a embriaguez do próprio desejo?"

Por outro lado, a consciência, ao se encontrar com o objeto na realidade, se entristece. Se entristece por detectar a presença de algo inatingível que está naquilo ali, à disposição. É triste o olhar de quem deseja pois nele se aprisiona a tensão do ter que ver, do ter que conhecer aquilo que se apresenta como se isso pudesse ser a imagem do que se deseja. Assim, é o objeto o elemento que formaliza o desejo, aprisionando-o à imagem.

Por alguma razão, que ainda me parece estranha, a psicanálise se nutre da idéia da presentificação constante de um engodo, de uma mentira, da presença "interna" de um duplo, impostor, que vive em nosso espírito e que nos afasta constantemente da experiência da verdade, isto é, "o espaço visível atesta ao mesmo tempo minha potência de descobrir e minha impotência de realizar". Mesmo sem cuidar de esclarecer cada termo que uso, proponho que, olhando assim, a psicanálise parece pretender dizer que o homem - mesmo aquele que se encontra intimamente ligado à verdade - nasce e sobrevive em um espaço de ilusões: o corpo. Elas, as ilusões, limitam nosso encontro com a realidade⁽²⁾, e fazem, de nossos sentidos, os responsáveis por um não saber. Os sentidos, iludidos que são, assemelham a percepção ao saber. A consciência, diz Descartes, é engano, a percepção, dúvida, os sentidos são produtores de efeitos efêmeros que nos escapam. Para Lacan, em uma palavra: consciência é princípio de idealização e de desconhecimento! Lacan talvez concordasse em dizer que a linguagem é o único olho que vê, e vê porque olha dali onde ele não se encontra. O elemento faltoso do encontro é sempre aquele que não está; a saber, o sujeito possuidor do olho que vê: assim sendo, o desejo submetido à imagem se torna cativo desta imagem; dela constituído e a ela sujeitado, revela-se sujeito. Sujeito inconstante, fugaz, não passível de apreensão mas sim apreendido pelo fascínio enigmático da imagem.

(1) - Fogo Escondido, in "O Desejo", p. 11, Companhia das Letras, 1990.

(2) - Para mim, realidade é o real esmaecido, realidade é o real que passa pela embriaguez onírica e pertence ao homem capaz de sonho e pesadelo

Essa experiência adoece o espírito, o infecciona, o infecta de memórias que jamais poderão ser recuperadas. Elas "são, pois, as leis da imaginação que constituem esse tipo de conhecimento do primeiro gênero. A vida do homem entregue a esse conhecimento é uma vida de paixão. No princípio, é, pois, o efeito de um corpo sobre o nosso, e a constituição de idéias que representam o que chega até nós. Essas idéias são signos que afirmam a presença do corpo exterior, que podem ser tanto afecções atuais quanto a atualização ou presença de afecções passadas, vestígios que permanecem: o nosso corpo passa a ser, pois, 'morada dos deuses'. A partir daí, ingenuamente, o corpo se priva da presença do mundo.

Todo o problema está, portanto, não em como expulsar os deuses do nosso corpo, dos nossos sentidos: olhar e memória podem ser excitados por objetos presentes e ausentes, porém o que importa é que muitas vezes essa passagem sobre o corpo deixa marcas, presença de uma ausência. Muitas vezes, estabeleceu-se um doloroso contraponto entre o corpo, a alma e as coisas, sem que se pudesse definir claramente o que afeta o quê, uma vez que, no final das contas, são destinos associados que estão em jogo: se, de um lado, há coisas que nos tocam, de outro há a alma que contempla e interroga". (idem, p.15)⁽³⁾. Além disso, nós ainda acrescentaríamos que, do ponto de vista das coisas e dos objetos nós somos seres inexistentes e não passíveis de curiosidade. Em uma palavra, a lógica celestial não se ocupa dos sujeitos humanos como seres que lhe dizem respeito.

Seria bom lembrar, que Lacan está sempre opondo ao sujeito cartesiano um outro sujeito, um sujeito que radicalmente não pensa, é pensado. Do aforisma "penso logo sou" de Descartes, Lacan propõe um outro que descentra o sujeito da razão colocando-o primordialmente como sujeito do "isso", e propõe uma outra máxima "penso lo-gozou". É nesta visão, que nos revela para onde olha "o olhar" de Lacan, que encontramos a frase: "O modo de minha presença

no mundo é o sujeito, no que, à força de se reduzir a essa única certeza de ser sujeito, ele se torna nadificação ativa".⁽⁴⁾

De qualquer forma é necessário que se diferencie o sujeito deitado no divã daquele que está em ação. Foi "necessário" de alguma maneira - para Freud e para nós que seguimos sua tradição - que se pusesse o homem deitado" para que ele pudesse reconhecer como ele não é senhor de si, que ele é fundamentalmente aquele que não vê⁽⁵⁾ pois, quando sonha "ele é uma borboleta", e quando acordado, é aquele que "pode se perguntar se não é a borboleta que está sonhando que é Chuang-Tsé"⁽⁶⁾, ou seja, se a borboleta não é aquele que sonha e tem consciência disto. Este impecável pensamento de Lacan nos remete à borboleta capturada, à borboleta nada e, o que é pior, à borboleta que ninguém vê; aquela borboleta que ninguém pode conhecer e nem tampouco necessitar dela.

Lacan diz:

"A prova é que, quando ele (Chuang-Tsé) é a borboleta, não lhe vem à idéia se perguntar se, quando ele é Chuang-Tsé acordado, ele não é a borboleta que ele está sonhando ser. É que, sonhando que é uma borboleta, ele terá sem dúvida que testemunhar mais tarde que ele se representava como borboleta, mas isto não quer dizer que ele está capturado pela borboleta - ele é borboleta capturada, mas captura de nada, pois, no sonho, ele não é borboleta para ninguém. É quando está acordado que ele é Chuang-Tsé para os outros, e que está preso na rede deles, de pegar borboletas."⁽⁷⁾

Nem na lógica cartesiana, nem na lacaniana, é possível se imaginar uma borboleta que, no entanto, tatuada no corpo de uma mulher, possa ser escondida por uma roupa íntima qualquer. Ninguém a vê, ninguém pode conhecê-la a não ser que conhecer aqui adote o sentido bíblico, que equivale a freqüentar o corpo dessa mulher. Tanto para Lacan, quanto para Descartes, isto

(3) - Ver nota numero 1 no pé da página 3

(4) - Lacan, J. seminário 11, 1979, Zahar, p. 81

(5) - Lacan, J. seminário 11, 1979, Zahar, p. 76

(6) - Lacan, J. seminário 11, 1979, Zahar, p. 77

(7) - Lacan, J. seminário 11, 1979, Zahar, p. 77

não seria passível de consciência nem de conhecimento pois, para Lacan o corpo só se presta para ilusões estéticas que confirmam tenazmente que o sujeito que vê, vê apenas a língua que o fala, " uma vez que o sujeito tenta acomodar-se a esse olhar, ele se torna esse olhar, esse objeto punctiforme, esse ponto evanescente, com o qual o sujeito confunde seu próprio desfalecimento."⁽⁸⁾ Sendo assim, diante da lógica lacaniana, o apetite masculino pelo corpo feminino é resto decaído, que encontra sua formatação no coito. Para quem olha, nada revela e, para quem executa, nada garante. Como seres corporais, o sujeito que se apresenta no corpo de uma mulher é outra " nadificação ativa" que nós embriagados. apreciamos. O que ali saboreamos é pura imaginação, pois o que vemos é cegueira e o que experimentamos é o cadáver saboroso de alguém que nunca esteve ali, uma vez que é linguagem. Talvez aqui eu pudesse introduzir um outro aforismo, que partindo do "penso logo sou" chegue a um " penso logo sou", ou seja, do cógito ergo sum, para, o cógito ergo sudo, e que, em si mesmo contenha uma verdade imperfeita que só a ação permite.

Descartes, em suas "Meditações", afirma:

"Tudo o que recebi, até presentemente, como o mais verdadeiro e seguro, aprendi-o dos sentidos ou pelos sentidos: ora, experimentei algumas vezes que esses sentidos eram enganosos, e é de prudência nunca se fiar inteiramente em quem já nos enganou uma vez".⁽⁹⁾

Aqui também vemos que o sujeito que pensa não pode ser aquele que percebe e o que goza não é o que sua. O sujeito do cógito deve tentar despossuir o mundo dos sentidos que vem do corpo. é necessário que se crie uma linguagem, um código ou um sistema próprio de notação para que o homem deixe de ver com o olho que olha, para ver com uma álgebra sem corpo. O olho da álgebra, para Descartes, garante a verdade, o do corpo, a ilusão. E, para Lacan, nem a álgebra nem o corpo podem olhar ou ver qualquer verdade, porque, aquilo que se vê é mancha, é anamorfose e, mais que isto, já não sou eu quem olho, pois,

diante do espaço iluminado, sou eu quem sou olhado pelo objeto que olho. Aqui, mais uma vez, o sujeito (seja ele o do corpo, seja ele o do cógito) perde o seu centro; mais uma vez nadificado produz suas construções cognitivas, científicas ou míticas e também suas tatuagens, que só podem se sustentar como divertimento humano cotidiano enquanto se aguarda a morte desse corpo que é, mas nada vale diante do supremo saber do símbolo e da álgebra matemática.

Assim do homem deitado no divã àquele que perscruta os acontecimentos na tela de um acelerador molecular - ele observa seu corpo e os corpos dos objetos com o olho da língua; nada pode ver senão seu desejo refletido a constituir seu olho, pois " vendo-se ver", só vê, por se recusar a ver. Portanto, à luz desse olhar, o corpo fica ali depositado em estado de coma, sustentando dois hóspedes que não o desejam e que se odeiam mutuamente. A saber: o sujeito do cógito e o do inconsciente.

para Durval Mazzei Nogueira F^o

Emir Tomazelli.

Professor do Curso : Formação em Psicanálise.

RECORTANDO MAX PAGÉS: CONCEITOS REDUTORES DA RELAÇÃO EM FREUD E NA PSICANÁLISE.

Max Pagés é um autor não psicanalista, psicossociólogo, professor de Psicologia Social na Universidade de Paris - Dauphine. Em seu clássico " A vida Afetiva dos Grupos: Esboço de uma Teoria da Relação Humana" ⁽¹⁾, publicado em 1975 e escrito em uma abordagem existencial humanista, visa a construção de uma teoria geral dos grupos fundada sobre o conceito de relação. Tem o conceito de relação humana como o conceito-chave para a compreensão dos grupos humanos e dos indivíduos. A relação humana é definida como " a experiência afetiva da descoberta do outro, quando esta descoberta é

⁽⁸⁾ - Lacan, J. seminário 11, 1979, Zahar, p. 83

⁽⁹⁾ - 1ª Meditação, Descartes, R. - 1983, Ed. Abril, p. 85/86.

⁽¹⁾ - Pagés, M.